

**A AGRICULTURA TRADICIONAL EM COMUNIDADE REMANESCENTE  
DE QUILOMBO E A AGROECOLOGIA NO MUNICÍPIO DE  
ADRIANÓPOLIS-PR**

**Lourival de Moraes Fidelis<sup>1</sup>**

**Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Reside na Agricultura Tradicional (AT) das Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ's) uma lógica e razão que a difere de outros modelos de agricultura, principalmente da dita agricultura convencional. Sendo as CRQ's, populações afrodescendentes, que resistiram ao período escravista brasileiro e a séculos de esquecimento e invisibilidade, pode-se afirmar que sua agricultura detêm saberes ainda pouco conhecidos pela ciência e que merecem ser pesquisados. Esta AT vem sofrendo com a imposição de monoculturas que não se prestam à alimentação – cultivo de florestas para celulose, por exemplo. Existe em Adrianópolis, Vale do Ribeira paranaense - Brasil, nove CRQ's. As CRQ's e sua AT podem oferecer contribuições para o avanço da Agroecologia, ciência que propõe princípios ecológicos para a construção de modelos de agriculturas sustentáveis. Este artigo advém de uma dissertação de mestrado defendido na Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP e teve como objetivo estabelecer relações e interfaces entre a AT presente na CRQ João Sura, no município de Adrianópolis e a Agroecologia. A pesquisa fundou-se na metodologia de história oral para alcançar este objetivo. O sistema produtivo da CRQ João Surá, no que diz respeito às sementes, solos e manejos culturais, mantém técnicas e manejos que foram aprimorados em mais de 200 anos de história da CRQ na região, vem resistindo as adversidades e mantendo condições sustentáveis para a produção de alimentos que aproximam este sistema de produção dos princípios propostos pela Agroecologia. Cabe, portanto, estudá-los com maior acuidade a fim de entender sua complexidade cultural, social, técnica, ecológica e lógica evolutiva.

---

<sup>1</sup> Pósgraduando no programa de doutorado na Faculdade de Engenharia Agrícola - Universidade Estadual de Campinas – FEAGRI/UNICAMP. Bolsista CNPq. Correio eletrônico: lourivalfidelis@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Doutora da Faculdade de Engenharia Agrícola - Universidade Estadual de Campinas – FEAGRI/UNICAMP. Correio eletrônico: Sonia@feagri.unicamp.br.

## INTRODUÇÃO

Há no rural brasileiro um cenário novo, que se desvela demonstrando com isto que há uma multiplicidade de sujeitos do campo. Camponeses que vêm construindo suas identidades e que, a partir destas, demonstram que há muitas representações identitárias compondo o rural brasileiro (WANDERLEY, 2000).

Assim, o camponês não tem só uma “cara”, uma cor e um vocabulário, mostra-se bem mais diverso e complexo. Esta constatação vem fazendo com que velhas formas de se analisar os camponeses e seus múltiplos arranjos no campo sejam revistos.

As Populações Tradicionais vem reafirmando sua identidade camponesa por meio da organização política e das ações articuladas com base em sua etnia. Como exemplo de Populações Tradicionais hoje organizadas no Brasil, pode-se citar os: Faxinalenses, Os Quilombolas, os Ciganos, os Pescadores Tradicionais e Artesanais, os Ribeirinhos, os Caiçaras, as Quebradeiras de coco, os Cipozeiros, Geraizeiros, entre outras Populações Tradicionais que cada vez mais se apresentam organizadas na sociedade brasileira. Muito embora se saiba da existência de Remanescentes de Quilombos urbanos, é fato que a maioria das comunidades já identificadas pela Fundação Cultural Palmares está e vive no e do espaço rural (FCP, 2010). Isto não determina que a agricultura seja a forma principal de geração de renda destas comunidades mesmo assim, esta é uma atividade principal ou transversal as outras atividades presentes e executadas pelas Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ's). Estes agricultores, a partir de uma lógica camponesa, elaboram técnicas, manejos dos solos, das águas e sementes, flora e fauna que marcam seu espaço, seu território, meio físico e biológico.

É por conta disto que é possível afirmar que seu modo de produzir agricultura está longe de ser dita como agricultura de subsistência que vem sendo definida, via de regra, por um viés produtivista que anula e impede de observar que muitas destas CRQ's produzem uma agricultura pensando na alimentação familiar num primeiro plano e na preservação interativa da natureza num segundo momento.

Agricultura é desta forma, antes de qualquer análise linear, parte de uma estratégia maior que tem como base a reprodução e a segurança alimentar do núcleo familiar. Esta estratégia não prescinde da preservação das sementes, da recomposição da fertilidade dos solos através do pousio e outras técnicas que compõe a agricultura das comunidades Quilombolas. Contemporaneamente, a Agroecologia vem pesquisando

estas formas de se praticar a agricultura que se baseiam na filosofia da existência, traçando modelos de produção conceitualmente nominados de agroecossistemas, notadamente aqueles que se valem dos recursos, conhecimentos e insumos locais para a sua reprodução e evolução. Assim, estes agroecossistemas quando incutidos na lógica camponesa, vai ao encontro da Agroecologia, tornando-se mais adequadas do ponto vista das dimensões da sustentabilidade discutida por Caporal e Costabeber (2002). Este trabalho advém de uma pesquisa de mestrado defendida em fevereiro de 2011 na UNICAMP e teve como hipótese que a Agricultura Tradicional (AT) das CRQ's têm contribuições a oferecer para os estudos e avanços da Agroecologia. O trabalho teve como objetivo, conhecer e estabelecer relações e interfaces entre a AT presente na CRQ João Sura, localizada em Adrianópolis – PR, Vale do Ribeira paranaense e a Agroecologia. Trabalhou-se com a Metodologia Qualitativa utilizando principalmente o método de História Oral. As análises dos sistemas produtivos da CRQ João Surá, no que diz respeito à água, aos solos, as sementes e manejos culturais, revelaram que sua AT detém condições sustentáveis de produção que coincidem com os princípios da Agroecologia. Neste artigo serão apresentados e analisados dados sobre os solos, a água e as sementes da comunidade estudada.

### **A OCUPAÇÃO DO VALE DO RIBEIRA O QUILOMBO, CAMPESINATO E A AGROECOLOGIA.**

A ocupação humana do Vale do Ribeira é sem dúvida bem anterior à chegada de Colombo à América. Segundo Dean (2010) a presença humana nas planícies e altiplanos sul-americanos data de pelo menos 13 mil anos. Houve grupos que permaneciam por tempo mais prolongado nestas regiões, sendo estes também produtores de cerâmicas que se alimentavam da pesca, da coleta e dos cultivos para a alimentação (STRUMINSKI 1999 *apud* BIANCHINI, 2010). Neste período, o Brasil detinha pouco mais de quatro milhões de pessoas pertencentes aos diversos povos indígenas, em sua maioria do tronco Tupi-Guarani (RIBEIRO, 1995 p. 31). A reocupação do Vale do Ribeira ocorrerá por conta da exploração de ouro de aluvião a partir de Paranaguá, Cananéia e Iguape e logo em seguida pela exploração de áreas cada vez mais amplas para exploração da pecuária nos planaltos curitibanos (IANNI, 1988).

Os negros que chegaram ao Vale do Ribeira foram capturados na África e eram originários de Guiné, de Angola e de Moçambique. Esta chegada ocorreu por volta do

segundo quartel do século XVII para o trabalho escravo na mineração e cultivo de arroz Carril (2001, p. 28). No que diz respeito aos ciclos econômicos, que tiveram na mineração e no arroz grande importância, o que se pode inferir é que os Quilombos têm sua origem no Vale localizada no período de vigência destes ciclos na região. Com seu declínio e o fim da escravidão no século XIX, as fazendas começam a contratar mão-de-obra livre, mas em menor escala. Os negros que permanecem na região solidificam as comunidades Quilombolas que já vinha sendo formadas no período escravista.

## OS SIGNIFICADOS DE QUILOMBOS

O conceito de Quilombo vem sendo ressemantizado pela ciência e pelos movimentos sociais relacionados à questão do negro ampliando seus significados. A concepção que se tem sobre os Quilombos distanciou-se imensamente do sinônimo de negros rebeldes que, em fuga da opressão escravista, se organizavam em grupamentos de pelo menos cinco negros sem nenhum recurso:

[...] O Conselho Ultramarino Português datado de 1740, [...] define quilombo como *“toda habitação de negros fugidos, que possuem pelo menos cinco negros em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”* (LEITE 2000 *apud* LOPES 2010).

Longe de ser um fenômeno exclusivo do Brasil, a formação de Quilombos teve correlatos em diversas partes das Américas:

As comunidades formadas pelos negros escravos [...] receberam vários nomes nas diversas regiões do Novo Mundo: Quilombos ou Mocambos no Brasil; Palenques na Colômbia e em Cuba; Cumbes na Venezuela; Marrons no Haiti e nas demais ilhas do Caribe francês; grupos ou comunidades de Cimarrones em diversas partes da América Espanhola, maroons, na Jamaica, no Suriname e no Sul dos Estados Unidos (CARVALHO, 1995 p. 15).

Para GOMES (2005) a historiografia trabalhou em dois tipos de abordagens sobre o Quilombo. A primeira linha interpretativa surge na década de 30 sob a influência de Nina Rodrigues que estudou os Quilombos e Mocambos no Brasil sob a tese da contra-aculturação. Mais tarde, autores como Arthur Ramos, Edison Carneiro e, posteriormente Roger Bastide, dão continuidade à pesquisa sobre os Quilombos como fenômenos de resistência cultural. A Segunda linha de interpretação terá na ótica marxista seu pilar teórico principal, com foco na luta de classes e no materialismo histórico para sustentar as teses trabalhadas. Como principais autores desta linha

destacam-se: Clovis Moura, Alípio Goulart, Luís Luna e Décio Freitas. A partir destas duas linhas analíticas o conceito de Quilombo sai da academia e adere às lutas políticas do Movimento Negro, principalmente na década de 70. Tomando as ruas e influenciado inclusive a produção cultural e artística do país. Mas recentemente, Alfredo Wagner Berno de Almeida ao discorrer sobre Quilombos afirma que:

Quilombo existe onde há autonomia, existe onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravos como mediador efetivo, embora simbolicamente tal mediação possa ser estrategicamente mantida numa re-apropriação do mito do bom senhor, tal como se detecta hoje em algumas situações de aforamento (ALMEIDA, 2006 p. 92).

Outro conceito é proposto em 1994 pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Este conceito sugere que Quilombo é: *“Toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado”* (ITESP, 2000 p. 7). O’DWYER (1995, p.1) sugere que:

Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos, e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem por número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo.

Esta diversidade de definições e conceitos tenta trazer para o âmbito científico a diversidade e riqueza que é o Quilombo e seus remanescentes. As CRQ’s são cercadas de histórias de vida e de lutas característica principal destes sujeitos do campo.

## **OS QUILOMBOS E A AGROECOLOGIA**

No que se refere à AT das CRQ’s, pode se dizer que ela faz parte da Agricultura Familiar. Têm em sua origem na lógica camponesa, seja para produção de alimentos para o sustento familiar, como de excedentes para comercializar com a rede de trocas e do comércio à sua volta (GOMES, 2005).

Em uma primeira análise podemos afirmar que a Agricultura Tradicional é uma:

[...] agricultura praticada por povos tradicionais em locais onde não havia disponibilidade de outros insumos além do trabalho humano e dos recursos locais, ou onde foram encontradas alternativas que reduziam, eliminavam ou substituíam insumos humanos intensivos no uso de energia e de tecnologias, comuns a grande parte da agricultura convencional de hoje (GLEISSMAN 2000).

Sevilha Guzmán (2001, p. 39) salienta que: [...] “*a coevolução local possui a lógica de funcionamento do agroecossistema, naquelas zonas em que o manejo tradicional histórico mostrou condições de sustentabilidade*”. Este autor ainda acrescenta que a:

Não obstante existe uma contundente evidência empírica que nos mostra (*que há*) possibilidade de recriação e, inclusive de inovação de tecnologia de natureza ambiental naqueles lugares onde os homens recuperam a co-evolução com seu sistema (GUZMÁN 2001, p. 39).

As Agriculturas Tradicionais primam pela diversidade de seus sistemas agrícolas em contraposição a artificialização e simplificação dos agroecossistemas que é a tônica nos sistemas industriais de cultivo. E, neste sentido “*os sistemas tradicionais de produção estão geralmente organizados para resistir a estresses ambientais, restrições de mão-de-obra e aproveitam à consorciação simbiótica*” para se desenvolver. (COSTA 2004, p. 69 – 70).

Reside na história de cada Comunidade Remanescente de Quilombo, pontos que andam na direção da sustentabilidade afirmando sua importância como detentoras de saberes tradicionais muito próprios. É neste conjunto de conhecimento que a Agroecologia vem reservando esforços para discutir bases sustentáveis para uma agricultura mais equilibrada.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Dentre os vários métodos que a Metodologia Qualitativa oferece optou-se pela História Oral, por ser tratar de um método que tem como característica a estreita relação com categorias como “*biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc.*” (ALBERTI, 2004 p. 18). Para o levantamento de dados escolheu-se a entrevista temática. A temática utilizada foi a história da agricultura do Quilombo João

Surá. A escolha dos entrevistados foi facilitada pelos trabalhos realizados pelos autores desde 2006 na comunidade. Este contato anterior à pesquisa facilitou a aceitação e o consentimento, bem como o entendimento dos objetivos da pesquisa. Foram escolhidos quatro (4) agricultores do núcleo de Guaracuí um dos três núcleos que integram a comunidade João Surá, os outros dois são João Surá e Poço Grande. A comunidade Quilombola João Surá é composta por 40 famílias e está localizada no município de Adrianópolis município paranaense que se localiza na região do Alto Vale do rio Ribeira do Iguape. Seus limites e fronteiras são o estado de São Paulo ao norte, a leste é limitado pela confluência do rio Ribeira de Iguape e o rio Pardo.

### **OS AGROECOSSISTEMAS DO QUILOMBO JOÃO SURÁ: OS SOLOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA JOÃO SURÁ**

O estudo dos solos que se procedeu nos agroecossistemas dos agricultores entrevistados, basearam-se nas informações dadas por eles. Não se procederam a análises químicas ou físicas dos solos, por outro lado, trabalhou-se com os agricultores, as noções sobre os solos que manejam. Ademais, os depoimentos dados por eles vão desde uma descrição pedogenética, passando pelas técnicas de interpretar a fertilidade dos solos.

Os solos de Adrianópolis são predominantemente jovens, composto em quase 70% de neossolos, sendo que o restante da área do município se distribui em outros 5 tipos de solos, entre eles, pode-se encontrar os nitossolos brunos, nitossolos vermelhos, chernossolos rendóxicos e manchas de latossolos vermelho-amarelo (IPARDES, 2007). Segundo este instituto, 94,3% das áreas são de alta fragilidade sendo o restante, 5,7%, de afloramentos rochosos. Para os agricultores entrevistados a formação do solo é expressa da seguinte forma:

É o solo vem de baixo para cima! E daí que fica boa de plantar porque na hora que você corta a árvore e tira toda a galhada de cima a planta não produz. Ela sai, mas meio amarelada, meio fraca, mas depois que ela apodrece um pouco que se faz a camada, daí bate a umidade de cima e o que acontece, ela esquenta e daí ela fermenta e daí é que ela vai formar a cobertura de solo. E ai que você corta e vê que ela está gorda (seu Paulico 2010).

As profundidades dos solos no núcleo de Guaracuí não passam de dois metros nas regiões de encostas o que vem acentuando os prejuízos em épocas de estiagens

prolongadas. A noção de que as condições de seus solos não são boas foram expostas por todos os agricultores ao afirmarem que estes têm piorado nos últimos anos:

[...] eu trabalho um solo assim bem desgastado pelo tempo de trabalho além do uso do fogo, trabalho com a enxada né. [...] um pouco é por falta de manejo com a terra, de deixar ela descansar um tempo (seu João Martins, 2010).

Se as condições de fertilidade não são muito favoráveis aos cultivos agrícolas da comunidade por conta do uso por muito tempo de técnicas como o fogo que ainda é usado em pequena escala. Por outro lado, o que impressiona é o conhecimento dos agricultores a cerca dos limites que estes solos oferecem e também, o que é necessário para contorná-los. Além disto, nos aspectos cognoscíveis, fica patente o conhecimento que acumularam a cerca dos solos. Não só isto, mas também a identificação, a percepção de cor, textura, profundidade e tipo de vegetação que ocorre em função do tipo de solo. Os agricultores familiares, notadamente aqueles que trabalham na lógica camponesa detém, como poucos, o conhecimento sobre os solos (ALVES *et. al.* 2003 p. 380).

Para os agricultores entrevistados, trabalhar com os solos de suas propriedades é mais do que simplesmente plantar e cultivar. Solo é o local de trabalhar com outros agricultores, é o local de reproduzir valores como o de cooperação é onde se cria e se educa os filhos:

Pra mim o solo é a terra, tanto faz terra fraca como terra forte. Para mim é uma terra que seja assim, que tenha assim uma cobertura boa ai em cima da terra, mas que ela produza com frequência (seu João Martins, 2010).

Este é um dos princípios que norteiam a construção de agriculturas de base ecológicas fundada nos princípios da Agroecologia. Solos bons são os solos que se tem à disposição e a partir destes, construir a fertilidade desejada. Dois Quilombolas, dos quatro entrevistados, já vêm adotando técnicas e manejos ecológicos que vem influenciando os outros agricultores da comunidade:

[...] hoje estou com esta consciência de não queimar e não carpir o solo pra amanhã ou depois não acontecer o que esta acontecendo agora né. Tentar passar isto para o outros que acho que é importante a gente trabalhar com a cobertura boa em cima da terra. Para mim tem uma grande importância, eu acho que cuidar dela, cuidar da terra, pra que não venha a se degradar eu acho que seria muito importante (seu João Martins, 2010).

Segundo seu João é o solo que faz o agricultor e não o contrário. Reside aí uma das mais importantes contribuições que estes Quilombolas podem dar às agriculturas de

base ecológica e a Agroecologia, contribuições que são passadas de geração em geração:

[...] como meu pai preservou a terra né e deixou e a gente já viveu em cima dela uma quantidade de anos [...] a gente pretende trazer um sistema de plantio diferente na terra, que possa segurar os filhos da gente [...] para que não venha a abandonar a terra. Porque é muito importante fazer com que ela produza com qualidade e sem carecer degradar e garantir uma produção para os mais novos (seu João Martins 2010).

Resumidamente, esta é a conotação impressa por estes Quilombolas, que conferem a terra e seus solos, uma dimensão que ultrapassa a de um simples bem de uso. A terra foi herdada e junto com ela também receberam valores que deverão ser repassados às gerações futuras, porém, re-significados no que chamam de um sistema novo de plantio que para dois dos Quilombolas entrevistados é a Agroecologia e, a partir desta mudança, garantir que não se repitam os erros do passado.

## **A ÁGUA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA**

Na opinião dos agricultores familiares entrevistados as águas disponíveis na comunidade, tanto as águas para o consumo quanto para a agricultura, vêm piorando nos últimos anos. Além disso, o que os Quilombolas dizem é que não é possível se pensar o mundo sem considerar que *tudo o que tem na terra tem na água*. Pode-se dizer que o *mundo da água* condensa as relações de reciprocidade das comunidades para com a natureza (MIRALES, 1998 p. 92). Neste sentido, os valores que cercam a água, notadamente àqueles radicados nos saberes acumulados pelos Quilombolas, e que a partir deste acúmulo tomam as decisões que re-significam sua agricultura e a forma de praticá-la. A água usada para os cultivos da comunidade vem, principalmente, das chuvas e que sofrem com as secas:

Olha, aqui na verdade quando dá um sol tem que suportar, como diz a história. Se produzir é por grande misericórdia divina. [...] Mas aqui eu já cheguei a plantar uma saca de feijão e colher 30 quilos. Não vale a pena! Eu já sofri muito com a consequência do sol (João Martins, 2010).

Além da seca que castiga as lavouras, as águas, segundo relatos dos Quilombolas, vêm diminuindo na comunidade:

[...] A água diminuiu muito sabe e vejo que vem vindo cada dia mais o desrespeito. Os peixes que tinha no rio e a gente vendo ai hoje o veneno que

o pessoal joga nas margens, tinha muito cascudo uma época e hoje não [...] provavelmente que os rios vão ficar sem peixes (seu João Martins, 2010).

Professor Antonio Aparecido relata uma seqüência de peixes que povoavam os rios e que hoje já não existem mais.

Tinha o cascudo bacari, o anã uma espécie de cascudo menor e era gostoso de mais e muito saudável. Tinha em abundância, chegava nos rios para observar era de se assustar com o tanto que tinha e hoje já não existe mais. Tinha o bagre, a traíra, traíra traputanga. Hoje a gente conta pras crianças ou pra vocês que estão chegando agora, dizem que é mentira (professor Antonio Aparecido 2010).

Nos relatos dos Quilombolas as águas têm que ser tratadas com respeito que a partir deste, assume uma dimensão maior, patente nos relatos como algo que é necessário alcançar mediante a tomada de consciência.

A água é tudo! Água é vida! Sem ela ninguém vive. Primeira coisa é o batismo não é?! É começa por aí e daí é ela que faz dar a semente, ela que cozinha, é ela que me banha, é ela que eu tomo! Ela banha desde o batismo até a morte! A água é a amiga também da agricultura. (seu Paulico 2010)

A comunidade já conta com uma caixa d'água que irá distribuir água tratada e outra estava sendo construída quando do levantamento para esta pesquisa, no entanto, ainda não estavam em funcionamento. As águas usadas para o consumo provêm de nascentes localizadas nos topos dos morros e, por mangueiras, seguem para as casas das famílias para consumo e para sua higienização. Mesmo com estes limites as quantidades de alimentos produzidos sempre supriram as necessidades segundo os Quilombolas, pois são produzidos pelo sistema de policultivos. De certa forma, mesmo tendo poucos recursos para minimizar os efeitos da falta da água nos cultivos em determinadas épocas do ano, as garantias mínimas vem sendo mantidas. Na medida em que se pensa em alternativas para a melhoria da fertilidade e preservação dos solos, da forma que é pensada pela Agroecologia, também se pensa a preservação e melhoria da qualidade das águas. Na comunidade esta questão vem sendo resolvida de forma a garantir as necessidades imediatas, mas que carecem ser melhor planejadas de modo a propiciar o fornecimento de água com qualidade suficiente para o consumo e produção agrícola.

## AS SEMENTES E A SUA PRESERVAÇÃO NO QUILOMBO JOÃO SURÁ

A manutenção das sementes e materiais vegetais de propagação da comunidade, algumas com pelo menos 50 anos de reprodução e cultivo nas suas roças, e outras com mais de 150 anos vem sendo cultivadas pelo Quilombo e se mantendo sob sua posse durante os 203 anos da comunidade. As sementes e materiais vegetais de propagação crioulas além da grande diversidade genética garantem uma melhor adaptabilidade aos agroecossistemas locais, são mais resistentes à baixa utilização de insumos e poupadoras de recursos naturais causando assim menos impactos ao meio ambiente (BEVILAQUA, 2010). A primeira constatação é que, mesmo com a falta de solos férteis, água em quantidade suficiente e terrenos planos, a comunidade detém uma grande variedade de sementes e materiais vegetais de propagação. Pela pesquisa de campo deparou-se com cultivares<sup>3</sup> de cana-de-açúcar (*Saccharum spp*), de arroz (*Oryza spp*), de feijão (*Phaseolus vulgaris L.*), de mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) e cultivares de café (*Cofea arábica L.*). Entre estas sementes e cultivares, existem algumas que já se encontram há pelos menos 200 anos, no caso das mais antigas, e de 15 a 2 anos, as mais novas. A partir das informações sobre as sementes e materiais vegetais de propagação foi possível elaborar as TABELAS 1, 2, 3 e 4 nas quais estão relacionadas os tempos em que vem sendo cultivadas na comunidade. Na TABELA 1 encontram-se as cultivares de canas de açúcar utilizadas pelos agricultores de João Surá e seus respectivos tempos de cultivos. Constata-se que das 7 cultivares encontradas três estão sendo cultivadas há mais de 100 anos. Pelo depoimento dos agricultores essas cultivares de cana de açúcar vem mantendo, no decorrer do tempo, o seu poder de germinação.

O Arroz Governinho foi apresentado pelos Quilombolas como “semente poderosa”, pois está sendo cultivada por eles há mais de 200 anos. Outros cultivares de arroz como: o Arroz Branco de 90 dias, o Arroz Matão Amarelo ou Amarelão (ou simplesmente Amarelo de 90 dias) e Arroz de 120 dias, estão na comunidade há cerca de 30 anos (TABELA 2). Feijão Carioca, Mãezinha e Rosinha são cultivares novos na comunidade segundo os agricultores, pois são cultivados há cerca de 35 anos. O destaque para o caso do feijão foi o chamado Feijão Branco Manteiga ou Manteigão que é conhecido e cultivado pela comunidade há mais de 200 anos. Este cultivar, segundo os

---

<sup>3</sup> Não foi possível levantar os nomes científicos de cada cultivar encontradas na comunidade estudada, processo que se encontra em fase de pesquisa junto aos centros especializados.

agricultores, chegou a João Surá com os escravos que deram origem ao Quilombo (TABELA 3). No caso dos cultivares de mandioca, as cultivares Vassourinha ou Pãozinho e São Pedrinho estão na comunidade João Surá há mais de 200 anos. A cultivar São Pedrinho é conservada por apenas um agricultor cujo objetivo apresentado por ele é a manutenção da variedade por ser de excelente qualidade (TABELA 4).

Os motivos pelos quais se plantam determinadas sementes por tanto tempo é justificado pelos agricultores por ser “mais gostoso” “render mais na panela” ou por ser um “feijão bonito”. Reside desta forma, num outro nível de significações e motivações do porque uma determinada cultivar na agricultura do Quilombo perdura por tanto tempo. As sementes destes agricultores não têm altos rendimentos produtivos, não alcançam preços ótimos no mercado de cereais, mesmo assim são cultivadas há mais de 150 anos garantido a alimentação das famílias. Cultivares de cana de açúcar como a *caninha*, que é usada para fins medicinais, foi resgatada e está sendo cultivada por um dos agricultores. A estratégia do policultivo foi sendo desenvolvida durante os mais de 200 anos da comunidade para poder contornar os limites que são impostos pela presença de solos pobres e pelas secas que castigam os cultivos localizados nos topos dos morros. A posse das sementes pelos agricultores é um grande indicador de sustentabilidade. Cultivares tão específicas quanto do arroz *governinho*, “*matão amarelo*” ou de feijões como o “*branco manteigão*”, feijão “*mulatinho*” e “*rosinha*” ou as de cana de açúcar como as cultivares “*Java*”, “*preta*” ou “*piracicaba*” e “*caninha*” por mais de 30, 40 e mesmo 150 e 200 anos é um fator importante a ser considerado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Quilombo João Surá está inserido numa região onde os solos são pobres em fertilidade natural e de pouca profundidade, fato que não os impediram de melhorar sementes e cultivares e ainda, adequar técnicas, formas e manejos visando à produção de alimentos necessários às famílias que integram a comunidade. No entanto, o Quilombo detém uma quantidade de sementes impressionante que liga a agricultura camponesa da CRQ João Surá a alguns dos princípios agroecológicos que vem sendo discutidos por Altieri (2009), Caporal e Costabeber (2002) e Gliessman (2000). Um destes princípios é sem dúvida a autonomia dos camponeses, principalmente, aqueles que acumulam saberes e conhecimentos tradicionais. Para os Quilombolas, sementes novas são aquelas que estão a 10 ou 20 anos sendo cultivadas por eles. A recomposição

da fertilidade dos solos é realizada mediante ciclagem da matéria orgânica que além desta (de recompor a fertilidade) têm a função de suprir as famílias com lenha. Mas o que se considera importante são os cultivos, a preservação e adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do Quilombo, todas mantendo bom vigor germinativo no seu sistema de cultivo. A comunidade desenvolveu durante dois séculos, nas áreas onde esta assentada, estratégias que lhes garantiram o sucesso através da prática da agricultura. E isto se deve à posse das sementes, dos conhecimentos e de seus saberes tradicionais. Carece, portanto, que estes acúmulos de conhecimentos sejam estudados e entendidos para que se preserve e com isto seja possível dar o devido valor.

### **REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA**

ALBERTI, V. Manual de história oral. 2ª Ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 236p.

ALMEIDA, A. W. B. Terras de quilombos, terras indígenas, ‘babaçuais livres’, ‘castanhais do povo’ faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA – UFAM, 2006.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5ª edição– Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2009. 116 p.

ALVES, et. al. ALVES. Â. G. C. Caracterização etnopedológica de planossolos utilizados em cerâmica artesanal no agreste paraibano. XXIX Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, Ribeirão Preto, 2003.

BEVILAQUA, G. A. Sementes crioulas e a soberania dos povos. Entrevista online. <http://www.ecodebate.com.br/2010/04/16/sementes-crioulas>. acesso em 22 de novembro de 2010.

BIANCHINI, V. O programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e a Sustentabilidade da Agricultura no Vale do Ribeira – Paraná. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR. Curitiba, 2010.

CAPORAL, F. COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade. Uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre. Vol. 3, nº 3. Jul/set 2002.

CARRIL, L. F. B. Terras de negros no Vale do Ribeira: territorialidade e resistência. São Paulo, [s, n], 1995. Dissertação de mestrado FELCH/USP

CARVALHO, H. M. de. De produtor rural familiar a Camponês. A Catarse Necessária. [www.landaction.org/spip/IMG/pdf/3artigosdomes\\_2009.pdf](http://www.landaction.org/spip/IMG/pdf/3artigosdomes_2009.pdf). Acesso em novembro de 2010.

CARVALHO, J. J. de. et. ali. O Quilombo do Rio das Rãs: História, tradição, lutas. Salvador: EDUFBA, 1995. 270p.

COSTA, M. B. Análise da sustentabilidade da Agricultura da Região Metropolitana de Curitiba pela ótica da Agroecologia. Editora da UFPR. Curitiba 2004.

DEAN, W. A. Ferro e fogo: a história e a Devastação da Mata atlântica Brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. 484p.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSE GOMES DA SILVA” – ITESP. Negros do Ribeira: Reconhecimento Étnico e Conquista do Território – 2ª Ed. – São Paulo: ITESP: Páginas \$ Letras – Editora Gráfica, 2000.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Comunidades Quilombolas Certificadas. [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br). Acesso em novembro de 2010.

GLIESSMAN, E. R. Processos Ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da UFRGS 3ª edição, 2000.

GOMES, F. dos S. A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (Séculos XVII-XIX). São Paulo: Ed. UNESP: Ed. Polis, 2005.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. Tradução Francisco R. Caporal – Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – EMATER-RS. Porto Alegre, 2001.

IANNI, O. As Metamorfoses do Escravo: Apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional. 2ª edição – Editora Hucitec. São Paulo – Scientia et Labor: Curitiba, 1988.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Diagnóstico socioeconômico do Território Ribeira: 1ª fase: caracterização global. Curitiba: IPARDES, 2007.

LEITE, I. B. As classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil s/d. [www.cfh.ufsc.br/~nuer/artigos/osquilombos.htm](http://www.cfh.ufsc.br/~nuer/artigos/osquilombos.htm), acessado em 28/10/2010.

LOPES, C. V. G. O Conhecimento etnobotânico da comunidade Quilombola do Varzeão, Dr. Ulysses (PR): no contexto do Desenvolvimento Rural Sustentável. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal, do Setor de Ciências Agrárias da UFPR. Curitiba, 2010.

MIRALES, R. A Identidade Quilombola das comunidades Pedro Cubas e Ivaporunduva. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 1998.

O'DWYER, E. C. (Org.) Terra de Quilombos, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. Circulo do Livro. São Paulo-SP. 1995.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo Estudos Sociedade e Agricultura CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro RJ 2000.

## ANEXOS

**TABELA 1 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE CANA DE AÇUCAR NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.**

Tempo de cultivo (anos)	Nº de cultivares	Cultivares <sup>1</sup>
Menos de 10	1	- Cana de açúcar Catarina
10 – 40	1	- Cana de açúcar Bambu
40 – 100	2	- Cana de açúcar Caninha; - Cana de açúcar Piracicaba ou Piracicabana.
Mais de 100	3	- Cana de açúcar Paulista; - Cana de açúcar Roxa ou preta Morretiana; - Cana Java ou Java 78.
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010. <sup>1</sup>Os nomes atribuídos as respectivas cultivares de cana de açúcar, arroz, feijão e mandioca foram àqueles apresentados pelos agricultores entrevistados.

**TABELA 2 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE ARROZ NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.**

Tempo de cultivo (anos)	Nº de Cultivares	Cultivares
Menos de 10	-	-

10 – 40	-	- Arroz de 120 dias; - Arroz Branco de 90 dias; - Arroz Matão Amarelo ou Amarelão
40 – 100	-	-
Mais de 100	1	- Governinho
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

**TABELA 3 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE FEIJÃO NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.**

<b>Tempo de cultivo (anos)</b>	<b>Nº de Cultivares</b>	<b>Cultivares</b>
Menos de 10	-	-
10 – 40	3	- Feijão Carioca; - Feijão Mãezinha; - Feijão Rosinha.
40 – 100	2	- Feijão Mulatinho; - Feijão Manteiga Preto
Mais de 100	1	- Feijão Branco Manteiga ou Manteigão
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

**TABELA 4 – TEMPO DE CULTIVO DAS SEMENTES DE MANDIOCA NA COMUNIDADE JOÃO SURÁ, ADRIANÓPOLIS, 2010.**

<b>Tempo de cultivo (anos)</b>	<b>Nº de Cultivares</b>	<b>Cultivares</b>
Menos de 10	-	-
10 – 40	-	-
40 – 100	1	Pão do Céu
Mais de 100	2	Vassourinha ou Pãozinho; São Pedrinho

---

TOTAL

3

---

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.